

“Terra Firme, de tudo um pouco”: uma experiência com um Ponto de Memória

Carlota Cristina da Silva Brito

“Terra Firme, de tudo um pouco”: uma experiência com um Ponto de Memória

Carlota Cristina da Silva Brito

Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquiteta com mestrado em Artes (UnB). Atua em projetos de multimídia, base de dados e documentação museológica. Desenvolve projetos participativos com comunidades indígenas e ribeirinhas da Amazônia. E-mail: carlota@museu-goeldi.br

Resumo

O trabalho apresenta a experiência na elaboração de um projeto expositivo itinerante sobre o bairro da Terra Firme em Belém (PA, Brasil), compartilhando o conhecimento especializado, a sabedoria popular, as ideias e as decisões com o Ponto de Memória e os moradores daquele bairro. Aborda, ainda, as reflexões e os princípios norteadores da museologia social como referência para a concepção da exposição e da futura base física do museu comunitário do bairro.

Abstract

This paper presents the experience in the elaboration of an itinerant exhibition project on the Terra Firme's neighborhood in Belém (PA, Brazil), sharing expertise, popular wisdom, ideas and decisions with Ponto de Memória and residents that neighborhood. It also discusses the ideas and the principles of the social museology as a reference for the design of the exhibition and the physical basis of future community museum in the neighborhood.

1. A conquista de um lugar no Tucunduba

A bacia hidrográfica do rio Tucunduba¹ é a segunda maior bacia urbana da cidade de Belém do Pará localizada na parte sul da cidade, sendo afluente do rio Guamá. Ocupa cerca de 8 km² de área total, sendo 40% constituída por uma ampla planície de inundação. O rio Tucunduba possui 14.175 metros de extensão, composto por 12 canais que drenam bairros de grande adensamento populacional como São Brás, Marco, Curió-Utinga, Universitário, Canudos e Terra Firme.

A Terra Firme² é um bairro considerado periférico que se formou por volta do século XVIII, iniciando uma tímida ocupação espontânea por volta de 1930, mas somente na década de 1950 sofreu um processo acentuado de ocupação pela população de baixa renda vinda do interior do estado do Pará e de estados do Nordeste, particularmente do Maranhão e do Ceará (ALVES, 2010, p. 89-90).

O principal interesse dos imigrantes em ocupar essa área de terra pública, possivelmente pertencente à Universidade Federal do Pará (UFPA), era ter acesso à terra para morar, adquirindo melhores condições de vida em uma cidade que prometia perspectivas de trabalho e renda no comércio formal e informal e na prestação de serviços.

O fácil acesso ao rio Tucunduba e a proximidade com o centro da capital do estado do Pará tornaram-se fatores fundamentais na fixação dessa população que não poupou esforços para alcançar condições dignas de vida ao construir uma forte relação afetiva com a Terra Firme ao implementar melhorias no bairro no momento da ocupação.

Possuindo uma área de terreno baixo, pantanoso e ocupado pela arquitetura de palafitas³ e estivas⁴, a Terra Firme sofreu, por um longo período, com a ausência de políticas públicas voltadas para a área de infraestrutura urbana básica, como: rede elétrica; rede de água e esgoto; habitação social; e serviços de saúde e educação. Contudo, a população do bairro providenciou,

¹ O nome do rio Tucunduba deriva da existência do grande número da palmeira Tucun (*Astrocaryum aculeatum*) em suas margens no período da ocupação da bacia hidrográfica. Possivelmente criado pelos índios Tupinambá, seus prováveis primeiros habitantes (ALVES, 2010).

² Terra Firme foi um nome cunhado ironicamente pelos moradores do bairro em razão da área possuir, na época da ocupação, poucas porções de terra firme. Tal denominação é atribuída, ainda, a ocupação inicial de uma estreita faixa de terra considerada “Terra Firme”, que ao longo do tempo não foi suficiente dado o intenso fluxo populacional (SILVA & SÁ, 2012).

³ Habitação de madeira permanente sobre água ou áreas encharcadas (SIMONIAN, 2010).

⁴ Pontes de madeira interligadas que servem de via de acesso às palafitas (SIMONIAN, 2010).

por meio do esforço coletivo, mudanças imediatas ao aterrar e abrir ruas e passagens, construir casas e comércios, pressionando o poder público a implementar as primeiras medidas de infraestrutura urbana.

A organização social, aliada à força da atuação política da comunidade do bairro, foi revigorada pela atitude dos moradores em adotar os centros e associações comunitárias, sociais e religiosas como cenários de apoio as suas reivindicações por mais direitos sociais junto ao poder público. Simultaneamente, tal dinamismo transformou esses espaços em pontos referenciais de integração das ações comunitárias no campo da cultura, da educação profissional e do atendimento integral à família, garantindo a união e o sentimento de pertencimento com relação ao lugar ocupado (ALVES, 2010, p. 87).

Por outro lado, a integração dos moradores da Terra Firme e sua articulação com as diversas instituições de ensino e pesquisa⁵, presentes no seu entorno, foi fundamental para convencer o poder público da execução de mais obras de infraestrutura, como: a construção de vias públicas; a implantação de unidade municipal de saúde e de escolas públicas; bem como da oferta de serviços de transportes urbanos. Essas realizações viabilizaram a oferta de variados serviços e a abertura de pontos comerciais, especialmente feiras e mercados, os quais estimularam o adensamento populacional do bairro.

O crescimento populacional revelou as transformações sociais e culturais do bairro, as quais contribuíram para a construção da memória que representa parte da história da urbanização da cidade de Belém. No entanto essas mudanças advindas da ampliação desordenada do território, forçou sua comunidade a presenciar o aumento descontrolado da violência a partir da década de 1990 e se tornou foco principal da luta comunitária diária legitimada pela realização de projetos socioeducativos e pela implantação recente de uma sede da Unidade Integrada do Programa Pró-Paz⁶ (UIPP) com a finalidade de reduzir a criminalidade no bairro.

⁵ No entorno do bairro da Terra Firme estão localizados: a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO).

⁶ Programa do Governo do Estado do Pará, criado em 2004, com o objetivo de articular, fomentar e alinhar políticas públicas voltadas para a infância, adolescência e juventude, visando a garantia dos direitos, o combate e a prevenção da violência e a disseminação da cultura de paz. (Fonte: www.segup.pa.gov.br).

2. O reconhecimento da história de uma comunidade

O protagonismo da população por moradia digna e melhoria das condições de vida, o legado cultural e histórico e a parceria com instituições entorno dessa área da bacia do Tucunduba, motivou o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) a selecionar e incluir a Terra Firme no programa Pontos de Memória lançado pelo instituto em 2009.

Essa iniciativa do IBRAM - em parceria com os Programas Mais Cultura⁷ e Cultura Viva⁸ (Ministério da Cultura), e como apoio do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania⁹ (Pronasci/Ministério da Justiça) e da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) - tem como objetivo principal estimular a abertura de meios de comunicação com a sociedade como forma de respeitar a memória, o patrimônio e, sobretudo, os valores sociais e culturais das comunidades consideradas periféricas. Para o IBRAM, a inclusão de uma comunidade urbana no programa Pontos de Memória é uma oportunidade para expor sobre o panorama histórico e a realidade dela, em geral, ausentes nos museus oficiais.

O programa vislumbra ações com base nas proposições do museu integral e da museologia social¹⁰ que sugerem práticas museológicas comunitárias que permitam apresentar as histórias, o patrimônio e a realidade social nos espaços dos museus. Essa ação provoca transformações nas comunidades na medida em que estimula a prática da memorização de fatos sociais, culturais, históricos e políticos como instrumento de valorização da memória e identidade popular, visando o desenvolvimento e a sustentabilidade.

⁷ Programa que tem como objetivos: garantir acesso aos bens culturais e meios necessários para expressões simbólicas e artísticas. Promove, ainda, a diversidade cultural e social, a autoestima, o sentimento de pertencimento, a cidadania, a liberdade dos indivíduos, o protagonismo e emancipação social. Qualifica o ambiente social das cidades, ampliando a oferta de equipamentos que permitem o acesso à produção e à expressão cultural; gera oportunidades de emprego e renda para trabalhadores das micros, pequenas e médias empresas, assim como empreendimentos de economia solidária no mercado cultural brasileiro (Fonte: Ministério da Cultura, Programa Mais Cultura).

⁸ Programa que viabiliza os recursos para a instalação dos Pontos de Cultura, apoiando a aquisição de material multimídia e a realização de iniciativas culturais voltadas a população de baixa renda, em especial jovens entre 17 a 29 anos. O objetivo é fortalecer as manifestações culturais e a produção audiovisual nas comunidades e escolas, priorizando as áreas de maior vulnerabilidade social (Fonte: Comissão Nacional da Juventude).

⁹ Programa que articula políticas de segurança com ações sociais: prioriza a prevenção e busca atingir as causas que geram a violência, sem abrir mão das estratégias de ordenamento social e segurança pública (Fonte: Ministério da Justiça).

¹⁰ A concepção de museologia social foi delineada pela primeira vez na apresentação da declaração da mesa-redonda de Santiago, promovida pelo ICOM/UNESCO (Chile, maio 1972).

A institucionalização de um Ponto de Memória na Terra Firme (PMTF)¹¹ representa o reconhecimento do esforço de seus moradores pela melhoria da infraestrutura e serviços no bairro e pelo estabelecimento de parcerias entre a comunidade e as instituições de ciências e educação, como o Museu Paraense Emílio Goeldi (Museu Goeldi)¹². Por intermédio do projeto “Museu Goeldi leva Educação em Ciência à Comunidade”, lançado no ano de 1985, ampliou-se os objetivos comunitários ao participar de diversas ações de educação em ciências.

O objetivo do projeto educativo do Museu Goeldi é colaborar na melhoria das condições de vida da comunidade ao valorizar a história, o patrimônio, a identidade cultural, as práticas comunitárias e estimular o desenvolvimento social. Isso ocorre por meio de visitas às coleções científicas e às exposições do Museu Goeldi, e na promoção de cursos, oficinas e seminários sobre as diversas áreas de especialidade da instituição (MOURA, QUADROS & QUADROS, 2013, p.22).

Na área da museologia social, em particular, os moradores do bairro têm atuado em conjunto com o Museu Goeldi ao participarem de oficinas de práticas museológicas, as quais resultaram na elaboração e na concepção de diversas exposições comunitárias e recursos expositivos sobre o patrimônio histórico, social e cultural da Terra Firme como forma de apresentar suas memórias e sua realidade política e social junto ao público.

Além de experimentar as possibilidades da comunicação científica institucional pela via museológica, a comunidade tem sempre a oportunidade de conhecer as atividades das pesquisas científicas e as possíveis contribuições para a melhoria da qualidade de vida do bairro, seja através de cursos sobre plantas medicinais, sabedoria das populações tradicionais da Amazônia, cultura material e patrimônio, entre tantos outros temas.

A contínua participação dos moradores no projeto educativo do Museu Goeldi e a seleção do bairro como primeiro Ponto de Memória da região norte do Brasil, revitalizou um projeto comunitário antigo de caráter social e cultural que adotou a gestão participativa e a museologia comunitária como principal ação transformadora dentro do bairro (MOURA, QUADROS & QUADROS, 2013, p.18).

¹¹ Além do Ponto de Memória do bairro da Terra Firme em Belém do Pará, foram contemplados mais 11 (onze) iniciativas de memórias espalhadas nas cinco regiões do Brasil.

¹² O Museu Paraense Emílio Goeldi é o primeiro museu de ciências na região Amazônica brasileira. Com quase 150 anos de existência, possui coleções e atividades de pesquisas nas áreas de Zoologia, Botânica, Ciências Humanas e Ciências da Terra e desde sua fundação atua como primeira instituição de comunicação da ciência pela via museológica na região (Fonte: Plano Diretor Institucional em www.museu-goeldi.br).

A implantação de um futuro museu comunitário na Terra Firme é a meta principal deste ponto de Memória que visa, além desse projeto museológico, transformar a imagem negativa atribuída ao bairro, estigmatizado como um dos mais violentos de Belém; estimular e valorizar a preservação da memória local, particularmente entre os antigos moradores; buscar parcerias que colaborem com a transformação social positiva do bairro; e, por fim, intensificar a união comunitária. Assim o PMTF inicia suas primeiras ações de preservação do patrimônio local, do resgate da memória dos moradores e da reconstrução da história do bairro por meio de ações que estimulem a comunidade a reconhecer sua cultura e identidade.

Para a elaboração de seu espaço de memória foi necessário a realização dos primeiros treinamentos sobre: patrimônio, história e memória social; pesquisa participativa comunitária; e produção de material de divulgação sobre o PMTF (blog, o jornal O Tucunduba e dois documentários¹³). Posteriormente, foram realizados cortejos culturais, rodas de memórias¹⁴ e o inventário participativo com os moradores do bairro, frutos da capacitação solicitada pela própria comunidade.

3. Uma ideia e várias experiências

Com base nas informações contidas nos documentários e no inventário participativo, o conselho gestor do PMTF decidiu produzir uma exposição itinerante que refletisse a história de lutas e conquistas dos moradores, sua cultura e patrimônio e a realidade atual do bairro. A ideia era criar condições para que um número máximo de comunitários tivessem a oportunidade de refletir sobre tais questões e conseqüentemente transforma-los em tema e subtemas de um roteiro museológico para a elaboração e produção de uma exposição em que as técnicas de museografia ajudassem a evidenciar a realidade do bairro e inspirar a estrutura geral do futuro museu comunitário.

Conforme definido pelo conselho gestor, as ações museológicas deveriam contemplar temáticas selecionadas pela comunidade, as quais correspondessem a sua realidade, seus interesses e necessidades. O processo de concepção do projeto expositivo deveria eleger

¹³ O microprojeto “Juventude e imagens do bairro da Terra Firme: reafirmando identidades e garantindo cidadania” gerou os documentários: “Todo o dia é dia de feira na Terra Firme” e “Ritmos, Cores e Rostos da Terra Firme” (MOURA, QUADROS & QUADROS, 2013: 37).

¹⁴ São momentos de conversas e depoimentos sobre histórias de vida, em que os participantes sentam-se em rodas e falam sobre determinado assunto que envolva as suas experiências no bairro da Terra Firme. Trata-se de uma técnica de coletar informações sobre o bairro adotada pelo PMTF desde 2010 (MOURA, QUADROS & QUADROS, 2013: 22).

elementos da história e da cultura e recursos simbólicos próprios do bairro, além de garantir a participação e o envolvimento da comunidade na produção museográfica.

Para efetivar essa ideia, foi fundamental a consulta junto à comunidade do PMTF sobre a necessidade de organização de dois momentos de capacitação sobre práticas museológicas que o Museu Goeldi domina bem. Assim, a capacitação técnica necessária para conceber a exposição sobre o bairro versava sobre conceitos e técnicas relacionados à museologia atual, já que assuntos como memória social, história do bairro da Terra Firme e execução de inventário participativo foram abordados em uma etapa anterior.

O primeiro momento dessa capacitação aconteceu em julho de 2012 com a realização da oficina “Museologia e Museografia: perspectivas atuais”. Com duração de uma semana, os moradores da Terra Firme aprenderam noções de patrimônio e cultura (material e imaterial), coleções, origem dos museus, conceitos básicos sobre museologia social, tipologia, gestão de museus e ações museológicas.

A proposta do curso era criar um momento de reflexão com a comunidade da Terra Firme sobre a construção de sua história, a alteração da paisagem local e seu patrimônio cultural, sob a perspectiva da museologia social. Além de articular esse momento aos dados obtidos no inventário participativo da comunidade e ao conteúdo dos documentários feitos pelos moradores sobre seu cotidiano no bairro.

O resultado dessa experiência foi a organização de um projeto expositivo no qual constava o tema central, os subtemas, o conceito da mostra e os objetivos. Foram incorporados, também: um plano da exposição com roteiro expositivo, cronograma e orçamento; planos de gestão, de ações educativas, de comunicação e de segurança; além da formação de uma equipe de talentos existentes no bairro para as atividades de criação e execução da mostra.

Com a proposta do projeto da exposição sobre o PMTF finalizada, os moradores do Ponto de Memória organizaram o segundo momento de capacitação, que aconteceu no final do mês de outubro de 2012. Inspirada nos relatos e imagens fotográficas capturadas pelos moradores durante o treinamento de julho, a oficina “Design participativo: a Terra Firme fala” teve a finalidade de reavaliar a proposta escrita do projeto expositivo e de estimular a habilidade artística e técnica entre os participantes, com vistas a iniciar a concepção da exposição.

Definida com o título provisório “(Re) Escrevendo nossa história (outra vez)”, a exposição teve seu título substituído definitivamente como “Terra Firme: de tudo um pouco”, que, segundo os moradores, “falava” da real situação do bairro, sendo seu conceito relacionado ao caráter político e a diversificação cultural que identificam a Terra Firme. Foram definidos, também, público-alvo,

duração e itinerância da exposição pela Terra Firme e outros bairros de Belém, data e local de lançamento e possíveis patrocinadores e apoio cultural.

Durante a oficina foi realizado um exercício de revisão do roteiro do projeto expositivo, os quais versam sobre os objetivos da mostra e os subtemas, como: o bairro e seu cotidiano; sua história e cultura; a educação em ciências; a parceria com instituições de ensino e pesquisa; e o reconhecimento da atuação comunitária com a implantação do Ponto de Memória na Terra Firme.

Para despertar talentos entre os moradores do bairro, na maioria adolescentes, foi reapresentado o conteúdo sobre cultura material e sua relação com a história do design e do desenho industrial, com ênfase para o design de mobiliários e recursos expositivos em ambiente físico e digital. Além das noções sobre design, a dinâmica da oficina realizou exercícios artísticos sobre o desenvolvimento de formas, o uso da luz e das cores como recursos gráficos expositivos, a combinação de materiais como suporte (papel, madeira), o uso criativo de tipologias, logomarcas e logotipos, e a aplicação dos princípios básicos da composição gráfica para propostas de exposição.

Com base na apresentação desse conteúdo, os participantes exercitaram as possibilidades de criar recursos expositivos em formato de maquete experimental. A partir dessa experiência, ficou decidido que a exposição “Terra Firme: de tudo um pouco” seria composta por painéis planos com estrutura de metal, encaixes e lona impressa digitalmente colorida, a fim de facilitar o transporte e o acondicionamento do material pelos próprios moradores durante a itinerância da mostra.

4. Uma exposição e as diversas faces de um bairro

Com o projeto expositivo delineado na oficina de julho e revisado na oficina de outubro de 2012, a exposição “Terra Firme: de tudo um pouco” começou a tomar forma a partir do mês de novembro do mesmo ano. Em sua composição constam como acervo: imagens fotográficas; relatos e entrevistas com moradores; documentos; jornais e publicações que retratam a memória do lugar, as lutas sociais, os movimentos culturais, a parceria com instituições, os sonhos e as expectativas dos moradores.

Foram confeccionados nove painéis com plotagem digital colorida e dois recursos expositivos interativos de sinalização, todos inspirados nas cores e símbolos¹⁵ característicos do bairro, criados e avaliados pelos próprios moradores, os quais contém toda a trajetória de

¹⁵ Placas e cavaletes de propaganda de rua, cores e formato da bandeira de venda do Açai (*Euterpe Oleracea*), tipografia e recursos visuais das feiras e mercados da Terra Firme.

construção do bairro definida no roteiro. Conforme a concepção do projeto, foi reunido o máximo de profissionais do bairro nas diversas áreas que colaboraram para a produção de painéis, estruturas metálicas, acabamento de suportes, recursos expositivos diversos, iluminação, material educativo e de segurança, e material de divulgação junto à comunidade e a sociedade em geral.

A exposição foi montada pelos próprios comunitários na quadra da paróquia da igreja de São Domingos e aberta ao público na tarde do dia 12 de janeiro de 2013, dia em que a cidade de Belém completava 397 anos. A inauguração foi marcada pelo lançamento da cartilha educativa “Um Ponto de Memória na Terra Firme”, e pela presença de diversas instituições que sempre apoiaram as atividades do bairro. Entretanto, o destaque desse momento foi a participação de um número grande de moradores no lançamento da exposição, colaborando com críticas, observações e sugestões ao conteúdo expositivo, os quais serão considerados na concepção do futuro museu comunitário e na conquista de seu espaço físico definitivo.

5. Um museu comunitário e os desafios futuros

A concepção do Museu Integral ou Museu Comunitário tem como base as questões levantadas por representantes das comunidades latino americanas que clamavam por um papel mais comprometido dos museus com os problemas políticos e sociais do continente na década de 70. Famosa por sua declaração, a mesa-redonda de Santiago do Chile de 1972, delineou os princípios do que seria o ideal do Museu Integral ou Museu Total e conseqüentemente a reformulação dos conceitos e dos pressupostos teórico-metodológicos da museologia.

Os princípios da declaração sugeriam novas práticas museológicas dos museus voltadas às comunidades à margem da sociedade que não eram representadas como temáticas expositivas. Essas orientações ampliaram o papel social dos museus, o campo da museologia enquanto disciplina, que reformula conceitos e métodos - e as práticas expositivas diretamente ligadas às comunidades urbanas, rurais e industriais.

A partir do reconhecimento pelo ICOM/UNESCO das preocupações comunitárias em diferentes países europeus e latino-americanos sobre a degradação do patrimônio cultural e natural nesses lugares, o mundo contemporâneo presenciou a legitimação dos Ecomuseus, Museus de Bairro ou Vizinhança e Museus Comunitários, o que motivou o surgimento de novas teorias e práticas da museologia social.

Colaborar junto à comunidade, na qual se está inserido, para a tomada de consciência de suas lutas e conquistas sociais e políticas, na recuperação do patrimônio histórico e cultural construído e, sobretudo, orientar na resolução de problemas existentes nesses sítios, tornaram-se premissas para a constituição de um museu que valorize e reafirme a identidade cultural do lugar.

No bairro da Terra Firme essas ações iniciaram-se modestamente há mais de 29 anos, mostrando o amadurecimento de um trabalho liderado pelo Museu Goeldi e pelos moradores do bairro.

O projeto da exposição “Terra Firme: de tudo um pouco” procurou despertar entre os moradores e o público visitante a história de vida daqueles que ajudaram a compor parte da memória de uma cidade e que, através das suas reivindicações, buscam soluções para problemas comunitários que impedem de conquistar uma qualidade de vida em um grande centro urbano no Brasil.

Todavia a construção de um museu comunitário na Terra Firme, ainda sem espaço físico, mostra o longo caminho a ser percorrido. Um museu que reflita o saber sobre a paisagem geográfica do Tucunduba, sem esquecer a memória social contida em cada canto do bairro e a dinâmica do cotidiano que identifica a Terra Firme como um local de forte tradição política e efervescência cultural, exigirá o envolvimento criativo dos moradores na busca da organização, implantação e gestão dessa estrutura que deverá contar com o apoio de instituições comprometidas com ações da museologia social contemporânea.